

Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Senhora Ministra da Cultura

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Senhores Reitores, Vice-Reitores e Pró-Reitores

Distintas individualidades

Senhores Professores, caros Estudantes, estimados Funcionários

Senhoras e senhores jornalistas

Minhas Senhoras e meus Senhores

Há muito tempo que a Universidade de Coimbra tinha encontro marcado com este dia. Em local apazível, cenário de aventuras passadas, que poderia ter sido o Observatório Astronómico, ou o Teatro Anatómico, ou o Dispensário Farmacêutico, ou o Gabinete de Física, ou o Museu de História Natural, ou o Jardim Botânico, mas acabou por ser o *Laboratorio Chimico*. Recantos de memórias em que se misturam histórias e lendas, como aquela em que o Batalhão Académico aqui vem buscar a pólvora com que se opõe ao avanço das tropas de Junot, fabricada num almofariz que inicia a actual exposição, e que serviu, igualmente, em tempo de paz, para preparar um medicamento contra a peste, ou aquela em que Hergé leva o jovem repórter Tintin ao Oceano Polar Ártico, em busca de uma Estrela Misteriosa, com a ajuda de um grupo de cientistas em que pontua o “célebre físico da Universidade de Coimbra, Professor Pedro João dos Santos”, ou aquela em que o Imperador Pedro II do

Brasil, a 5 de Março de 1872, assistiu, neste mesmo anfiteatro, a uma aula de *chimica inorganica*, do 1º ano de *philosophia*, ou ainda aquela em que o Professor Jorge da Costa nos acompanha em visita guiada pelo Gabinete de Física e nos revela a clausura do Delfim D. Rafael, numa conhecida ficção de Etienne Schröder. Lenda e História, porque quanto mais rica é a História de um edifício, quanto mais intenso o espírito de um local, mais atrai e melhor sustenta as lendas que sobre ele se vão construindo. Estamos, sem dúvida, num dos lugares lendários da Universidade de Coimbra.

Neste encontro, há tanto tempo marcado, pretende a Universidade apenas dar conta de uma incumbência que assumiu, e devolver à cidade e à sociedade o acervo museológico que em vários episódios a História lhe foi deixando a guardar; de o colocar ao serviço da divulgação da ciência e do cumprimento da missão de ensinar, de formar e de preparar cidadãos no entendimento das leis da Natureza; de corresponder à confiança do Marquês, que lhe atribuiu a responsabilidade de rasgar nos espíritos as estradas do conhecimento científico e que lhe deu, para isso, instrumentos e recursos extraordinários. Estávamos no início do último quartel do século XVIII.

Trata-se, pois, de um encontro da Universidade com todos quantos, ao longo dos séculos, deram as suas apaixonadas e desinteressadas contribuições para que as ciências experimentais se desenvolvessem em Coimbra, produzindo ou adquirindo o conjunto de dispositivos e de equipamentos que constituem, hoje, um espólio de altíssima qualidade.

Refiro a figura de Guilherme Eldsen, que transformou e ampliou, por ordem de Pombal, o antigo refeitório jesuíta, que agora reencontrámos, no mais antigo edifício ainda existente, construído no Mundo para laboratório experimental de Química;

Refiro a figura de Vandelli, primeiro Director do *Laboratorio Chimico* e dinamizador dos primeiros *spin-off* documentados da História da universidade portuguesa, empresas de porcelana que fundou, e das quais vieram a sair as técnicas e os técnicos que deram mais tarde origem à actual Vista Alegre;

Refiro a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, primeiro Professor de Metalurgia do *Laboratorio Chimico* e Patriarca da Independência do Brasil, que levou do seu forno em Coimbra, por longo tempo perdido e agora redescoberto numa das paredes deste edifício, o fogo com que ateou no coração e no espírito dos brasileiros o gosto pela liberdade e pela autodeterminação.

Refiro a figura de Alexandre Rodrigues Ferreira, grande naturalista, que percorreu a bacia do Amazonas durante uma década, recolhendo animais, plantas, minerais e artefactos de várias tribos índias, material que, em alguns casos, apenas subsiste hoje no nosso Museu;

Refiro ainda a figura de Mário Silva, que ofereceu uma parte importante da sua vida de universitário à ideia de fundar em Coimbra uma grande instituição para

divulgação da ciência e da cultura científica, sonho que o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra agora corporiza.

Não quero, finalmente, deixar de referir que o encontro de hoje é também com aqueles que permitiram transportar, até aos nossos dias, em boas condições, o espólio de que tanto nos orgulhamos, e que deram à conservação, restauro e inventariação destas peças o melhor do seu esforço e da sua dedicação. Aos Directores do Gabinete de Física, do Observatório Astronómico e das secções de Zoologia, de Mineralogia e Geologia, de Botânica e de Antropologia do Museu de História Natural, respectivamente Professores Doutores Helena Caldeira, Artur Soares Alves, Maria Graça do Valle, Pedro Calapez, Teresa Gonçalves e Ana Luisa Santos, e em seu nome também a todos quantos os antecederam nessas funções, quero deixar bem marcado que se a Universidade de Coimbra adopta hoje uma nova estratégia de gestão comum de todo o seu espólio não é senão para o valorizar e potenciar, no âmbito de um grande projecto de museologia contemporânea, de todo inviável com tantas unidades parcelares. Não se trata, pois, de desconsiderar o que está feito, antes pelo contrário, trata-se de reconhecer que só é possível este novo alento, em resultado do vosso meritório trabalho.

E este encontro, desde há muito marcado, não poderia ter sido senão no âmbito das comemorações do primeiro centenário do nascimento de um outro grande Homem, que para além de Professor, investigador e divulgador da ciência foi igualmente Poeta, para além de Rómulo de Carvalho, foi igualmente António

Gedeão. Na presença da sua viúva, Dra. Natália Nunes, tendo por fundo as palavras que ainda se ouvem do seu antigo aluno no Liceu José Falcão, o Prof. Doutor José Dias Urbano, curvo-me perante a sua memória e dedico-lhe, também a ele, o esforço do trabalho que hoje celebramos e no qual ele próprio, como é sabido, tão eficazmente participou.

Senhoras e Senhores,

Nenhum outro projecto em que tenha estado envolvido como Reitor terá sido tão exigente como este, e por isso mesmo, em nenhum outro caso me terei sentido tão reconfortado em o concretizar. O que vão ver, resulta do trabalho concertado de uma pequena equipa de museólogos, arquitectos, arqueólogos, engenheiros, administrativos e gestores, empreiteiros e fornecedores, que compreenderam e souberam interpretar os objectivos do representante do dono-de-obra, funções que eu próprio desempenhei, num processo de coordenação que permitiu fazer confluir para um todo coerente a sensibilidade, a experiência e os conhecimentos parcelares de cada um dos intervenientes. Encontrarão defeitos, assim o espero. Mas ao procurá-los serão obrigados a ler, a reflectir, a interpretar, a aprender e a criticar ciência e é isso, justamente, o que se pretende.

Não foi, este Museu, encomendado, chave-na-mão, a um especialista estrangeiro, nem adquirido num dos catálogos de exposições temporárias que percorrem o Mundo. Não podíamos senão desenvolver um projecto original. Para isso, procurámos ajuda de quem detinha maior experiência e mais conhecimentos.

Estudámos e inventariámos as nossas colecções, consolidámos ideias em sucessivas fases de reflexão, elaborámos um programa de trabalho e um guião expositivo compatível com os nossos acervos e objectivos, e com o espaço de que dispúnhamos. Envolvemos num discurso expositivo que espero possa ser do vosso agrado, cerca de trezentas peças originais das nossas colecções, seleccionadas de entre as quase duzentas mil que constituem as nossas reservas. Ouviram bem, por cada uma das peças expostas há cerca de setecentas a aguardar a sua vez, tal é a riqueza do nosso espólio. Neste processo adquirimos importantes conhecimentos, dotámo-nos de competências de que não dispúnhamos, constituímos um grupo capaz de criar e manter um Museu da Ciência, pouco dependente de fornecedores e de comerciantes. A nossa interacção com eles, quase todos nacionais, é agora na qualidade de conceptores, não de consumidores. E isso faz toda a diferença.

A diferença de podermos desenvolver as nossas próprias ideias, de preparar as nossas próprias exposições; a diferença de sermos capazes de planear, estruturar, detalhar e garantir a produção qualificada de todos os dispositivos necessários; a diferença de termos informações e contactos, de conhecermos as capacidades e a qualidade de trabalho de centenas de fornecedores e de prestadores de serviços. A diferença, considerável vantagem no momento presente, de podermos fazer muito melhor com menos recursos.

A este conceito podemos atribuir a designação de *in-sourcing* e o lema comercial de “compre lá fora, cá dentro”. Contrapomo-lo ao conceito de *out-sourcing*, tão

em voga no momento actual – talvez porque dê muito menos trabalho, e será essa a sua única vantagem -, mas que esvazia a administração de conhecimentos, capacidades e competências endógenas, colocando-a nas mãos de voláteis prestações de serviços, replicando normalmente soluções padronizadas, importadas e desligadas da cultura institucional, não estando provado que produza melhores resultados e sendo, em todos os casos, bastante mais caro.

Estamos igualmente disponíveis e abertos para ensinar e para aprender com todas as instituições e estruturas, públicas ou privadas, que se interessem em criar no nosso País uma cultura de museologia científica, indispensável complemento à fantástica rede de Centros Ciência Viva de que já dispomos. Neste domínio, refiro em particular a Universidade de Lisboa que saúdo na pessoa do seu Reitor, Professor Doutor António Nóvoa, a quem desejo os maiores sucessos na prossecução do seu programa nesta área. Refiro, igualmente, neste contexto, o Exploratório Infante D. Henrique e o seu Director Professor Doutor Victor Gil, a quem reconheço uma longa experiência neste domínio, colocando-me, num e noutro caso à vossa disposição para colaborar no que entendam necessário.

Ao celebrar o resultado, quero igualmente destacar o percurso. Doze anos de trabalho que tiveram os seus pontos altos nas visitas de avaliação realizadas, logo em 1994, por quatro prestigiados especialistas, os Doutores Michel van Praet, Robert Halleux, Roger Miles e Samuel Taylor; na constituição, em 1999, de uma Comissão para o Programa do Museu da Ciência, coordenada por Michel van Praet e da qual igualmente faziam parte Gonçalo Byrne, Paulo Gama Mota e

João Rui Pita, bem como de uma Comissão de Acompanhamento, composta por vinte representantes de Faculdades, Departamentos e Museus; na criação, em 2003, de uma Comissão Científica coordenada por Paulo Gama Mota e ainda constituída por Carlos Fiolhais, Décio Martins, João Fernandes, Graça Miguel e Rui Fausto; no significativo apoio, obtido em 2003, do Programa Operacional da Cultura e do Ministério da Cultura, no âmbito do projecto “Coimbra, Capital Nacional da Cultura”, que permitiu a realização do que hoje inauguramos, sendo por isso devida uma palavra de agradecimento à Senhora Ministra da Cultura, Professora Doutora Isabel Pires de Lima e ao Senhor Comissário desse projecto nacional, Professor Doutor Abílio Hernandez; e finalmente, no plano institucional, na criação, entre a Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Coimbra, nosso parceiro da primeira hora neste projecto, da Fundação Museu da Ciência, à qual será atribuída a responsabilidade da direcção, gestão e manutenção do Museu e se espera venha a incorporar, a partir de 2007, outros fundadores privados. Enquanto a Fundação não está formalmente constituída, a Direcção do Museu ficará assegurada, por uma Comissão Directiva, presidida pelo Doutor Paulo Gama Mota.

E agora? Interrogado sobre os motivos que o tinham levado lá acima, Edmund Hillary, o vencedor do Everest, respondeu, com a cândida evidência a que só uma forte convicção confere consistência, que tinha subido ao monte porque ele lá estava. À nossa frente, do outro lado da Praça Marquês de Pombal está um desafio à nossa altura: prosseguir no Colégio de Jesus o projecto “Museu da

Ciência da Universidade de Coimbra”. Temos espaço, também ele carregado de história, também ela ligada ao desenvolvimento da ciência experimental em Portugal; temos um acervo de grande valor científico e patrimonial, que em algumas áreas é único em Portugal e significativo mesmo em termos internacionais. Temos agora, do nosso lado, o conhecimento e a experiência que nos autorizam a abraçar um projecto mais audacioso. Temos, finalmente, quer interna, quer externamente, o crédito que nos confere o ter montado o Museu que hoje inauguramos. Então? Se já chegámos ao acampamento-base, porque não subimos o monte? Ele está lá à nossa espera! Eu sei que estas expedições não são baratas. A que vos proponho representa um investimento em quatro anos de 5 milhões de euros por ano, que é muito dinheiro se pensarmos que corresponde à contribuição da UC, em 2007, para a Caixa Geral de Aposentações, mas muito pouco se virmos que não chega a atingir os valores estimados de trabalhos-a-mais da obra do novo Hospital Pediátrico de Coimbra. O que questiono é se um equipamento que permite pôr ao serviço dos cidadãos o maior e mais importante espólio de museologia científica do País, não justifica ao Estado um esforço de investimento equivalente ao que lhe é necessário para poder gerir mal uma obra de média dimensão. E faço-o com a convicção de que encontraremos no Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior um defensor desta ideia e o aliado indispensável à sua concretização.

Mas que a ânsia de futuro não nos retire, hoje, a capacidade para comemorar os êxitos do presente, nem a serenidade necessária para valorizar o esforço de

quantos para eles contribuíram. Os créditos da iniciativa estão bem visíveis na Sala de Entrada e no catálogo da exposição. Para todos eles, aqui fica uma palavra de profundo reconhecimento da Universidade de Coimbra e do seu Reitor.

Convido-vos a todos, por esta ordem, para a visita à exposição temporária, sobre o Espírito do lugar, para a inauguração formal do Museu, para a visita da exposição permanente, subordinada ao tema “Os Segredos da Luz e da Matéria” e para o Porto-de-Honra que marcará o momento.

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra está de volta. E isso é, para todos nós, motivo de grande orgulho e incontida alegria. Obrigado pela vossa presença.

Paço das Escolas, 5 de Dezembro de 2006

Fernando Seabra Santos